



“Zé Preto” e “Pai Velho” apontam o lugar — Vila Amauri — onde estariam enterrados os corpos

Em vez de água, chuva de bala

E era justamente esse subdelegado que estava de serviço. Quando ele ouviu falar que o negócio era no Pacheco, disse: “Vamos aproveitar e dar uma lição naquela turma”. Então ele lotou nosso caminhão com todos os praças que estavam por lá e se dirigiram para a Pacheco.

Contudo, segundo depoimento de duas testemunhas, a participação do Dr. Fausto no incidente foi bem mais decisiva. Tanto “Decave” quando seu Alfredo Batista, contam que depois do incidente com os operários, por causa da comida, (Dr. Fausto assegura que naquele momento estava viajando de Anápolis para Brasília) o engenheiro foi até a cantina, onde depois de pedir calma aos peões fez um discurso. “Eu lembro até de algumas palavras”, diz “Decave”:

“Vocês estão fazendo um trabalho que vai entrar na História desse país, e que os próprios filhos de vocês se orgulharão, um dia”. Ai os operários o interromperam: reclamaram do atraso no pagamento, da falta de água, e da qualidade da comida. Então Dr. Fausto garantiu que todos os problemas seriam resolvidos: “Amanhã mesmo sai o pagamento de vocês, e vamos dar um jeito para melhorar a bóias. Quanto à água, podem ficar tranquilo: hoje de noite vem uma chuva das boas”.

Prá encurtar conversa — diz seu Alfredo — essa chuva grossa que chegou foi bala. Vem vez de ser água do céu, foi bala mandada pela polícia”. Seu Alfredo também lembra que a segurança da Pacheco não deixou que a notícia fosse divulgada. “Teve um moço que

foi lá no outro dia, tirou uns retratos, dos buracos de bala nas tábuas dos alojamentos (eram cinco, de 100 metros de comprimento, por 50 metros de largura, cada um), quando ele tava indo embora, cercaram ele e tomaram o filme.

De fato, os jornais da época só noticiaram o massacre com uma semana de atraso, e de maneira parcial, tomando como fontes apenas as autoridades. A única exceção foi o “Binômio”, de Belo Horizonte, que mandou dois correspondentes a Brasília fazer ampla reportagem sobre o massacre — Dídimo Paiva e Honório Gurgel, que escreveram a seguinte versão no “Binômio” que circulou no dia 16 de fevereiro de 59:

“O incidente que resultou na chacina do acampamento da Pacheco Fernandes Dantas teve início na tarde de domingo (dia 8). Quando alguns operários reclamaram da péssima qualidade da comida e da falta constante de água. A reclamação foi logo apoiada pela maioria dos trabalhadores, que levou o chefe-de-obras a solicitar a polícia da NOVACAP, “para exemplar os recalcitrantes”. Em poucos minutos chegava uma batida (quatro guardas) chefiada pelo “inspetor Pimentel, que efetuou a prisão de dois operários”.

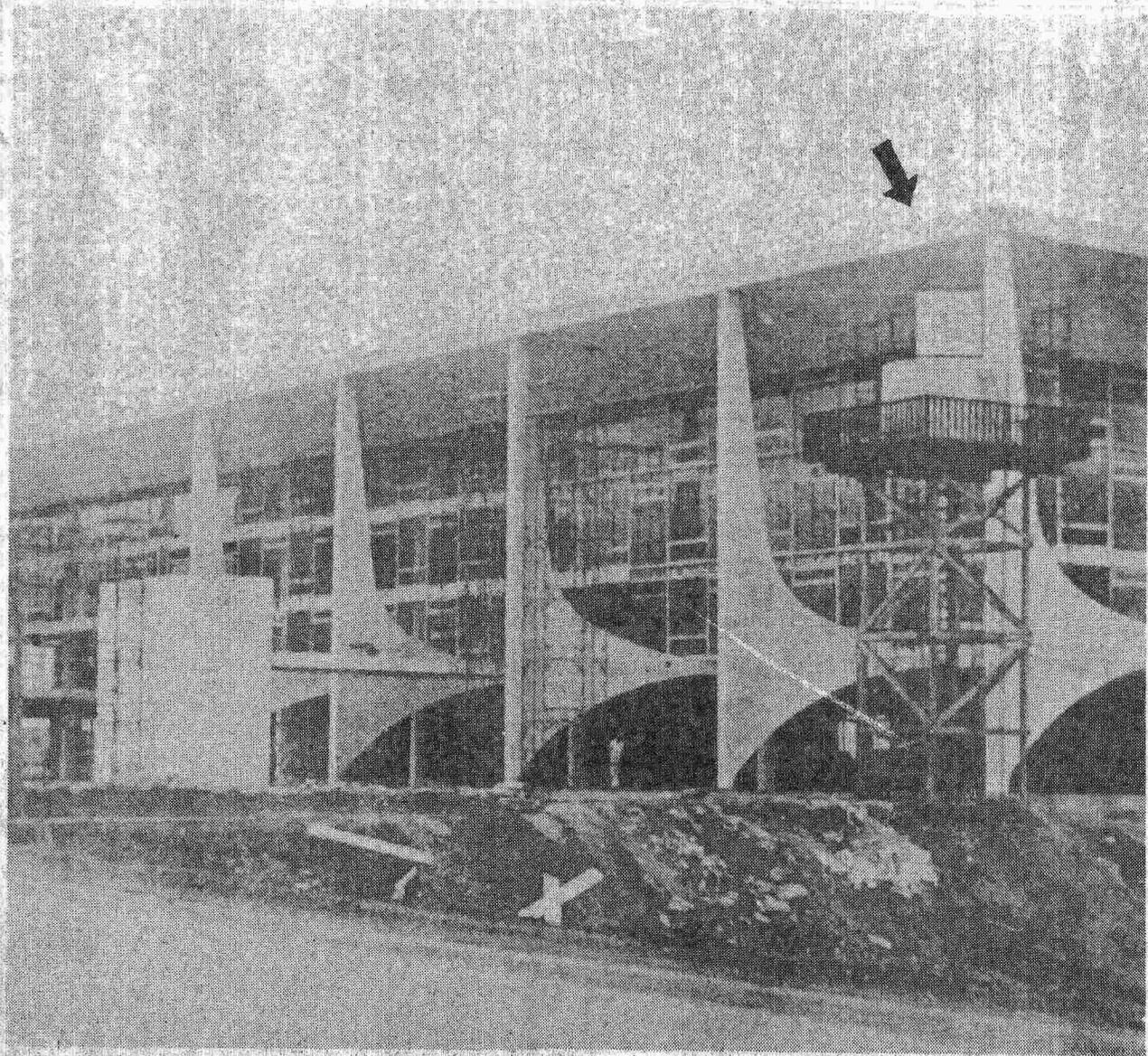
“A selvageria dos policiais — prossegue a matéria do “Binômio” — que começaram a espancar os operários, foi que motivou os graves acontecimentos. Vendo seus colegas agredidos a cacetetes, os operários reagiram e impediram a prisão. Os guardas se re-

tiraram e tudo levava a crer que o incidente estava encerrado. Mas o pior viria depois. A polícia, que já havia cometido uma violência (invasão de domicílio) voltaria para a vingança”.

Estava todo mundo já fazendo outros coisas na hora em que o caminhão chegou cheio de policiais da GEB. Pra nós, briga tinha acabado — lembra seu Alfredo Batista: “Tinha gente tomando banho, jogando dominó, lendo as cartas das famílias que tinham ficado no Norte, e a maior parte estava dormindo”. “A peãozada toda sem dinheiro, o jeito era dormir”, concluiu outra testemunha.

“Duas coisas que não faltaram na construção de Brasília — conclui “Decave” — foi sangue e mentira. Porque os mortos da Pacheco não foram os únicos não. Ali mesmo no prédio do Congresso morreram 42 operários depois de cair lá de cima. Isso, a gente viu”. O problema — segundo ele é que as firmas que construíram a cidade, mantinham sempre dois ou três empregados que já andavam com uma lona debaixo do braço”. Quando alguém despencava do andaime, como vi acontecer com finado Carlindo, eles vinham de lá enrolavam o corpo naquela lona, jogava o sujeito dentro de um caminhão e sumia. Do mesmo jeito que fizeram com nossos colegas da Pacheco.

Jorge Frederico é repórter político do jornal “O Globo” e mora em Brasília desde 1962. Ele ouviu testemunhas em Brasília, Belo Horizonte, Rio e São Paulo



Quando aconteceu o massacre a Pacheco Fernandes Dantas construía o Palácio do Planalto